

Suplemento do Professor

Elaborado por Rodrigo Mendonça

Antoracy Tortolero Araujo

Lendas indígenas

Ilustrações de Bruno Gomes



 **Editora
do Brasil**

O Brasil tem uma rica herança cultural – fruto das culturas indígenas – pouco difundida. Neste livro, você conhecerá as histórias criadas pelos índios para explicar a origem dos animais, dos homens, dos fenômenos da natureza e da sociedade. Isso lhe dá a oportunidade de criar as mais diversas atividades interdisciplinares e pesquisas – as possibilidades são infinitas. Trazendo belas ilustrações e a apresentação de termos indígenas com o nome correspondente em português, o livro inicia os alunos no encantador universo tecido por essas lendas. Boa leitura e boa viagem!

Mitos cosmogênicos e de fundação

Lendas indígenas é uma coleção de contos cosmogênicos e de fundação, isso é, contos que explicam a origem do Universo e das espécies, além de mostrar como se estabeleceram os hábitos, as sociedades etc. Esses mitos têm grande importância, pois são um esforço narrativo de ordenar o Universo. Muitos deles têm correspondências universais (mitos sobre o dilúvio e a criação do Universo por uma entidade consciente, por exemplo) e, ainda, apresentam de maneira simples como funcionavam as sociedades indígenas. Trabalhar com esse tipo de mito não estimula apenas a criatividade dos alunos como também ensina-lhes a apreciar a cultura alheia e respeitá-la, além de resgatar nossa cultura. Por fim, temos também o valor estético. As narrativas inventivas são diferentes das histórias indo-europeias que os alunos estão acostumados a ouvir, e lhes proporcionarão contato com sociedades únicas. Para introduzir os mitos, que tal trabalhar com lendas bem conhecidas, como o caipora (ou curupira), o boitatá, a lara e o boto? Todas essas lendas têm origem indígena e é provável que já façam parte do imaginário dos alunos. Para prosseguir a discussão, que tal comparar esses mitos com mitos eurocêntricos, como Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho? Deixe que os alunos elaborem uma lista de semelhanças (são histórias que podem trazer uma lição, ter uma sequência narrativa parecida etc.) e diferenças (as lendas indígenas são, em sua maioria, estruturadas em florestas e não apresentam os animais apenas como ameaça; as lendas eurocêntricas têm geralmente um herói caçador ou um príncipe charmoso etc.) entre elas.



Uma questão cultural

Muitas lendas aqui apresentadas fogem do dualismo bem *versus* mal. Procure lembrar aos alunos que os conceitos de bem e mal são baseados na moralidade vigente na sociedade em dado momento e podem mudar radicalmente de uma sociedade para outra, ou ainda entre dois períodos diferentes da mesma sociedade. A atitude do índio que mata a mãe adotiva ou a da menina que foge do cão-do-mato que a alimentava e cuidava dela podem parecer estranhas para nós, mas são condizentes com a moral daquela época e sociedade. Você pode trabalhar esse tema com a turma, mostrando tanto os conceitos maniqueístas¹ (conceitos baseados na religião de Maniqueu, na qual bem e mal são ideias bem definidas e distintas) quanto as ideias de Friedrich Nietzsche² (especialmente a obra *Além do bem e do mal*)³ ou de Protágoras⁴. Proponha também que tomem suas próprias decisões acerca do assunto e componha uma mesa-redonda. Uma possibilidade para introduzir o tema é apresentar um dilema moral. Um bastante conhecido é o do homem nos trilhos: um bonde está descontrolado e segue em direção a um grupo de pessoas. Você não vai ter tempo para gritar e não pode parar o bonde, sua única possibilidade de salvá-los é jogar um homem grande nos trilhos. Esse dilema trabalha com a ideia do bem da maioria *versus* o bem de um indivíduo. Há diversas alterações para testar as respostas dos alunos – em vez de empurrar o homem grande, é preciso apertar um botão que vai derrubá-lo; em vez de um grupo de pessoas, um bebê está nos trilhos etc. Onde ficam os conceitos de bem e de mal quando um ato tem consequências sérias como as desses exemplos?

O trapaceiro

Em muitas histórias de *Lendas indígenas* temos um personagem que é comumente chamado de trapaceiro, malandro ou *trickster*⁵. Esse personagem quebra as regras dos

1 www.estudentedefilosofia.com.br/doutrinas/maniqueismo.php

2 www.infoescola.com/filosofos/friedrich-nietzsche/

3 www.infoescola.com/livros/alem-do-bem-e-do-mal/

4 www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=20

5 www.fflch.usp.br/sociologia/tempocial/site/images/stories/edicoes/v0312/O_HEROI.pdf

deuses, da sociedade ou de comportamento, e assim impulsiona a narrativa. Em muitas culturas, ele representa o herói cultural, aquele que sai da sociedade em busca de algo que, quando conquistado ou trazido de volta, muda a vida da comunidade por ele ter quebrado as regras (ao conseguir o fogo, por exemplo). Esses personagens são complexos e, por isso, muito interessantes. Seu arquétipo é muito antigo e integra várias mitologias (indígenas, africanas, europeias etc.). Apresente esse tipo de personagem aos alunos e peça-lhes que identifiquem outros semelhantes – diversos personagens de novela têm essa função. Proponha uma discussão cujo tema seja as diferenças entre um herói clássico e um herói trapaceiro. Para finalizar o trabalho sobre o tema, que tal sugerir a criação de um cartaz comparando os dois tipos de protagonista? E ainda é possível propor a elaboração de duas narrativas, uma com um herói típico e outra com um trapaceiro, ou ainda uma história na qual os dois se encontrem (*Lampião e Lancelote*, de Fernando Vilela, é um bom exemplo disso).

Atividades complementares

1. Vamos criar um mito?

Agora que os alunos já leram lendas de diversos povos indígenas explicando a sociedade, o mundo e os animais, proponha que criem seus próprios mitos! Peça que escolham algum fenômeno da natureza ou animal e expliquem de onde ele veio, como e por quê. Diga que podem usar os elementos que quiserem: animais que falam, feitiços, deuses. Deixe que elaborem a história e ajude-os na organização das partes (apresentação, complicação ou desenvolvimento, clímax e desfecho) e dos elementos (foco narrativo em 1ª ou 3ª pessoa; personagens; narrador: narrador personagem ou narrador observador; tempo: cronológico e psicológico; espaço da narrativa etc.). Solicite que escrevam as narrativas em forma de redação e acrescentem uma ilustração ou colagem a elas. Alternativamente, você pode pedir ajuda ao professor de Arte e expandir a atividade para incluir esculturas, histórias em quadrinhos, painéis e outros tipos de arte. Depois, peça-lhes que apresentem a história aos colegas e proponha a elaboração de um livro com as histórias e ilustrações deles.

2. *Vamos encenar uma peça?*

As histórias de *Lendas indígenas* podem ser adaptadas em cenas. Proponha aos alunos que elaborem os diálogos, depois, ajude-os a encená-los. Essa é uma boa oportunidade para que eles aprendam um pouco mais sobre teatro. Primeiro, explique que cada cena é dirigida, isto é, “controlada”, e que você, professor, fará o papel do diretor. Depois ensine que os diálogos devem parecer naturais (as falas devem ser algo que eles realmente diriam) e que não é interessante os personagens mudarem radicalmente de personalidade (em um momento são corajosos demais, depois, muito covardes). Em seguida, sente-se com eles e comecem a elaboração do roteiro. Diga-lhes que os diálogos geralmente apresentam referências de como devem ser lidos (rubricas) e que a peça pode ser dividida em cenas. Depois, é hora de ensaiar. Oriente-os a distribuir bem a ação (imagine que o palco é um prato com apoio somente no meio, se todos os personagens se juntarem em um canto do prato, ele cai). Peça-lhes que se concentrem nas intenções do texto e tenham em mente que a história deve ser contada, mas que há diversas formas de fazer isso. Caso as lendas criadas na atividade anterior tenham ficado interessantes, sugira adaptar algumas delas também! Se a turma estiver entusiasmada com o resultado, proponha à coordenação uma apresentação para a escola toda, por exemplo, um minifestival.

3. *Vamos lembrar nossas heranças indígenas?*

Nossa herança indígena pode ser pouco notada, mas é bem presente! Divida a turma em grupos e peça aos alunos que identifiquem características indígenas em nossa sociedade – um grupo trabalha com o tupi e sua influência no português e em toponímicos, outro grupo pesquisa comidas, outro trabalha com costumes, e assim por diante. Depois, peça-lhes que montem uma apresentação com o que eles aprenderam. Proponha à coordenação fazer uma semana de resgate da cultura indígena, na qual os grupos apresentem suas descobertas sobre as tribos indígenas.



4. *Vamos aprender os direitos dos índios?*

Os direitos dos índios são protegidos por lei, para que suas terras não sejam invadidas e seus costumes sejam respeitados. Proponha aos professores de História e Geografia que ensinem aos alunos os direitos civis e o papel dos índios antes, durante e depois da chegada dos portugueses ao território que hoje forma o Brasil. Apresente informações a respeito e proponha uma mesa de debates em que eles possam discutir formas de proteger a cultura indígena. Peça-lhes que pensem se as tribos indígenas estão sendo protegidas como deveriam. Qual é o papel do governo e da sociedade nessa questão? Pergunte-lhes também o que mudariam se pudessem. Por fim, é possível juntar todas as informações e ideias e produzir um seminário para ser apresentado aos demais alunos da escola e a toda a comunidade durante a semana de resgate da cultura indígena proposta na atividade anterior. Assim, a discussão sobre a proteção cultural das minorias pode ser expandida.

5. *Vamos ouvir canções indígenas?*

Os índios têm uma cultura rica, não só em lendas como as apresentadas, como também em rituais e canções. Mostre aos alunos algumas canções indígenas (o *site* da Funai apresenta uma página com sons indígenas⁶). Peça a eles que as comparem com as músicas que conhecem e procurem identificar alguns elementos característicos (as canções são cantadas em coral, com batida marcada, apitos etc.). Se os alunos tiverem aula de música, peça ao professor dessa disciplina que os ajude na análise.

Organizados em grupos, eles podem pesquisar mais sobre alguns instrumentos e apresentar aos demais colegas o que descobriram. Dependendo do tipo de instrumento, é possível até mesmo confeccioná-lo com a ajuda dos professores de Arte e de Música. Aproveitando, caso vocês realizem o minifestival proposto no item 2, a música pode ser uma atração também.

⁶ www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas

Respostas do Suplemento de Atividades

1. Professor, as respostas são pessoais, mas alguns exemplos de pratos da culinária brasileira à base de milho são: bolo de milho, pamonha, curau e suco de milho.
2. Professor, organize os alunos em quatro grupos para que cada um trabalhe uma das culturas sugeridas. Veja a seguir algumas possibilidades de resposta que os alunos podem encontrar na pesquisa.

Criação do mundo na cultura japonesa

No começo, os deuses criaram duas formas, um deus – Izanagi – e uma deusa – Izanami. Esses deuses então mandaram que eles construíssem as primeiras terras e, para ajudá-los, deram-lhes um item mágico: uma *naginata* (espécie de lança) decorada com joias, chamada Amenonuhoko (lança do céu). As duas divindades foram então para a ponte entre o céu e a Terra (Amenoukhashi) e agitaram o mar com essa lança. As gotas de água caíram da ponta da lança e criaram a ilha Onogoro-shima. Eles desceram à ilha e fizeram seu lar ali. Depois de um tempo, decidiram se casar. Construíram um pilar e, tendo-o como referência, seguiram cada um em uma direção para se encontrarem quando a volta tivesse sido completada. Mas quando se encontraram, Izanami falou primeiro, e isso foi interpretado como falta de educação por Izanagi. Eles tiveram dois filhos, Hiruko e Awashima, que eram imperfeitos e foram considerados demônios. Por isso, colocaram as crianças num barco, que foi arrastado pela correnteza de Onogoro-shima. Perguntaram aos deuses o que fizeram de errado e eles explicaram ao casal que Izanami era muito afoita e não tinha bons modos. Após receberem a resposta, Izanagi e Izanami decidiram se “casar” novamente e dessa vez Izanagi falou primeiro, então o casamento foi um sucesso. Dessa união nasceu Ohoyashima, o conjunto das oito principais ilhas do Japão. Eles criaram muitas ilhas e muitas divindades

Criação do mundo na cultura grega

No princípio havia o Caos: o vazio e escuro que precede toda a existência. Dele, surgiu Gaia (a Terra) e outros seres divinos primordiais: Eros (atração amorosa), Tártaro (escuridão) e Érebo. Sem intermédio masculino, Gaia deu à luz Urano (o céu), que então a fertilizou. Dessa união nasceram primeiro os titãs: seis homens e seis mulheres (Oceano, Céos, Créos, Hiperião, Jápeto, Téia e Reia, Têmis, Mnemosine, Febe, Tétis e Cronos) e depois os ciclopes (monstros de um olho só) e os hecatônquiros (ou Centimanos, monstros com mais de cem mãos). Urano, no entanto, não saía de cima de Gaia e seus filhos não conseguiam sair de dentro dela. Gaia estava cansada e queria afastar Urano. Ela reuniu os filhos e lhes contou o plano: tinha criado uma foice de pedra e, quando Urano viesse, um de seus filhos deveria cortá-lo. Somente Cronos, o mais jovem e ambicioso dos filhos, aceitou a proposta; então castrou o pai e lançou os genitais dele ao mar. O esperma que caiu no mar deu origem à deusa Afrodite, saída da espuma da água, e o sangue que caiu na terra gerou as ninfas Melíades, as Erínias e os gigantes. Urano nunca mais tentou dormir com Gaia e seus outros filhos tiveram assim espaço para sair de Gaia. Cronos tornou-se o rei dos titãs, tendo sua irmã Reia como esposa e os outros titãs como corte.

Criação do mundo na cultura indiana

Há muitos mitos sobre a criação do Universo na cultura indiana. Segundo os Vedas, o deus Vishnu dormia sobre o oceano primordial e, de seu umbigo, nasceu uma lótus que floresceu e deu origem ao deus da criação, Brahma, que deveria criar o mundo físico onde vivemos. Essas são duas das três divindades responsáveis pelos ciclos de criação e destruição do Universo: Brahma é o deus criador, Vishnu é o deus que preserva e Shiva é quem causa destruição para que o ciclo recomece. O Universo dura um dia da vida de Brahma. Ele tirou de dentro de si os

outros deuses, inclusive Purusha, o homem cósmico. De Purusha foram feitas todas as coisas – sua mente é a Lua, seus olhos se tornaram o Sol, seu hálito é o vento e seu corpo é a terra. Ele também deu origem às castas indianas: alguns homens nasceram da boca de Purusha e se tornaram brâmanes (sacerdotes), os xátrias (guerreiros) nasceram de seus braços, os vaixás (comerciantes), de suas costas e os shudras (servos), de seus pés.

Criação do mundo na cultura iorubá

Há diversas versões sobre o mito de criação segundo a mitologia iorubá, e essa é uma delas. No início dos tempos havia dois mundos: Orum, espaço sagrado dos orixás, e Aiyê, que seria o espaço dos homens, feito apenas de caos e água. Por ordem de Olorum, o deus supremo, o orixá Obatalá ficou encarregado de criar o mundo e a humanidade, mas ele acabou se embriagando e outro orixá, Oduduá, veio à Terra trazendo uma cabaça com ingredientes especiais, entre eles a terra escura que jogaria sobre o oceano para garantir morada e sustento aos homens.

Além da produção de um cartaz, você pode propor que cada grupo apresente à classe suas descobertas em forma de seminário. Estipule um tempo para as apresentações e peça a eles que trabalhem com a ampliação do conteúdo que está registrado no cartaz, se possível, acrescentando informações que ficaram ausentes por pertinência ou espaço disponível.

3. Professor, essa é uma boa oportunidade para propor um trabalho com o professor de Ciências. Peça a ele que sugira alguns animais e apresente algumas curiosidades, a fim de os alunos se sintirem instigados a buscar novas informações.

Lembre aos alunos as principais características das lendas indígenas, como transmitir uma mensagem e educar, além de atribuir uma explicação às coisas.

4. Já nessa questão, você pode trabalhar em parceria com o professor de Arte. Se julgar que a atividade de pintura é muito fácil para os alunos, peça ao professor

da disciplina que proponha a eles técnicas de desenho e pintura – pontilhismo, aquarela, giz de cera etc., – explicando cada uma delas. Pode ser interessante fazer um peixe com cada técnica.

5. Resposta pessoal. Diga aos alunos que há muitas histórias com esse tema, de contos de fadas a lendas e mitos das mais diversas culturas. Estimule-os a pesquisar histórias diferentes. É até possível propor uma rodada de contação de histórias. Antes de começar a pesquisa, que tal elaborarem juntos uma lista com o nome de histórias?
6. Porque, toda vez que o sono se aproximava, o pássaro dormia e acordava gritando. A história nos mostra como surgiu o canto do pássaro Maruari (ou Maguari).
7. De início, pode-se constatar que as lendas são de tribos diferentes. Uma pertence à tribo Kaiapó e a outra à tribo Juruna. Para a primeira delas, a noite surgiu da desobediência do neto de um dos índios que, curioso, abriu um pacote que guardava a escuridão. Na segunda história, a noite também apareceu por causa da desobediência, mas agora de duas crianças que quebraram a porta da casa da noite, deixando que ela saísse. No entanto, vale dizer que o índio da primeira história foi castigado ao ser transformado em coruja, já os da segunda história, não, uma vez que, com a escuridão, agora todos poderiam dormir.
8. Resposta pessoal. Nesse momento, você pode pedir ajuda ao professor de Geografia, para que ele explique aos alunos a importância do solo/terra em nossa vida. Reitere que saber cuidar da terra é muito importante para os indígenas, pois é de lá que eles tiram parte de sua alimentação.
Caso julgue adequado, diga aos alunos que, assim como os índios, nós também consumimos muitos alimentos que vêm da terra. Por isso, embora nem todos saibam cultivar a terra, é sempre necessário que haja pessoas capazes de realizar esse tipo de atividade. Se possível, convide-os a fazer uma horta, caso a escola disponha de espaço adequado.

